

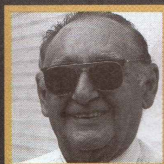
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

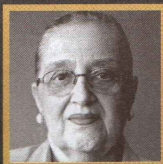


Demorou alguns anos até Brasília se consolidar como nova capital do país. Neste tempo, algumas pessoas não acreditavam na mudança definitiva do Rio de Janeiro para o interior. Foi a necessidade de os militares manterem o centro do poder longe do Sul/Sudeste que garantiu o desenvolvimento da cidade. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, os construtores e primeiros moradores da cidade relembram como era a vida aqui.

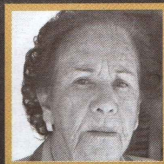
Antonio de L.
Mourão



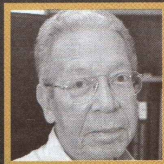
Branca
Borges Bakaj



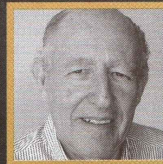
Mariadas
Dores Rezende



Oscar
Moren



Ulpiano B.
Santiago



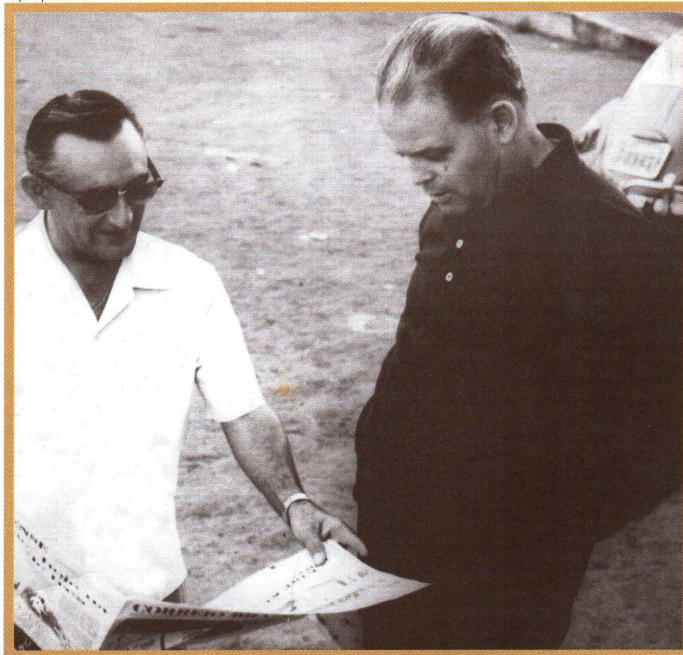
PIONEIROS



Antonio de Lisboa Mourão

Aventura e solidariedade no Planalto Central

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília surgiu na vida do pioneiro Antonio de Lisboa Mourão como uma fuga da seca que assombrava o Ceará em 1958. Em busca de um lugar onde as perdas não fossem sazonais, ele deixou a cidadezinha de Ipuerais, no interior do estado, e veio para a nova capital federal. Aqui ele começou uma nova vida, deixando para trás a loja de tecidos que tinha com o padrinho e tendo pela frente apenas muita poeira. Junto com dois amigos, José Lima e Gonçalo Miranda, Antonio Mourão resolveu trazer mais gente para Brasília.

O resultado foi que o pioneiro partiu do Ceará depois de organizar um comboio formado por dois caminhões Fenemê (ou FNM) repletos de contêrreões querendo um emprego na nova capital. "Era um jeito de ajudar quem não tivesse emprego na minha cidade e, ao mesmo tempo, ajudar na construção da capital do meu país, onde eu sabia que estavam precisando de gente disposta a trabalhar", afirma Antonio. "Como as estradas ainda não eram asfaltadas, a viagem demorou 16 dias. Para não perdemos muito tempo, eu, que era o único solteiro da turma, vim primeiro, de avião", completa.

Dessa forma, Antonio acabou se tornando uma espécie de agente de empregos de cerca de dois mil contêrreões. "Eu ia de

construtora em construtora verificando de quais especialidades eles estavam precisando mais. Se era pedreiro, mestre-de-obras, marceneiro ou outras coisas. Assim, quando os caminhões chegaram já estava tudo mais ou menos encaminhado", afirma o pioneiro.

Para ajudar os amigos cearenses, Antonio não mediu esforços:

foi morar no armazém e bar Maringá, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), de onde era mais fácil controlar a chegada e partida dos paus-de-arara que vinham e voltavam para o Ceará. Além disso, o clima da cidade também era uma adversidade para aqueles que estavam acostumados a ter sol o ano todo. "O frio e a chuva na cidade eram

muito grandes. As plantas ficavam cobertas de gelo (granizo) e tínhamos que andar sempre de bota por causa da lama que a chuva causava", conta o pioneiro.

Saudade

A saudade era tanta que às vezes a vontade que Antonio tinha era de chorar, mas nunca de desistir de Brasília e voltar para Ipuerais.

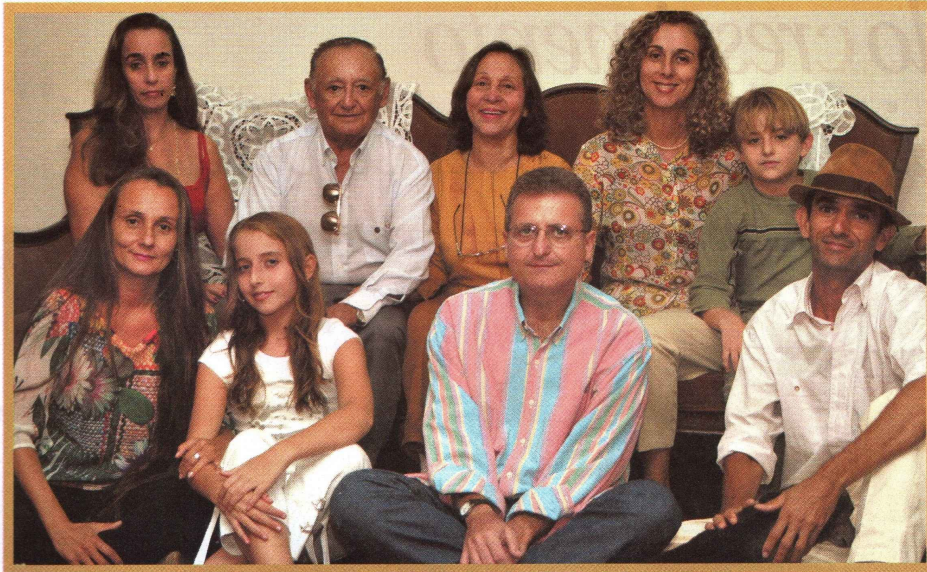
ANTONIO MOURÃO E PADRE ANTONIO (PORTUGUÊS), NO INÍCIO DA VIDA EM BRASÍLIA

O jeito era escrever cartas e visitar a terra natal pelo menos duas vezes ao ano para aliviar a falta que sentia de sua família. Os outros pioneiros que vieram com Antonio também tinham muitas saudades do Ceará, mas vários deles não sabiam escrever. "Quando eu chegava ao alojamento era uma festa. Tinha que fazer carta de toda espécie, de amor, de tristeza, de tudo. Tinha até que apaziguar brigas de colegas", lembra, com ares paternais. Antonio destaca a evolução que esses trabalhadores que ele trouxe para cá tiveram: "os operários chegavam subnutridos, fracos e, em poucos meses, já havia uma mudança e eles estavam mais corados e fortes por causa do trabalho braçal intenso".

Apesar de ser hoje um grande entusiasta de Brasília, nem sempre o pioneiro acreditou na eficiência da interiorização da capital. Tanto que ele não foi um dos eleitores de Juscelino Kubitschek, que um dia ficou sabendo disso. "Era aniversário dele e muita gente da cidade queria cumprimentá-lo. Ele e dona Sara formaram uma fila para poderem receber as congratulações. Eu e cinco amigos entramos na fila e quando chegou a minha vez um deles falou para o presidente que eu não havia votado nele nas eleições", conta o pioneiro, que não perdeu o rebolado diante da saída justa. "Disse ao presidente que realmente tinha votado no marechal

PIONEIROS

Para fugir da seca do Ceará, o pioneiro resolveu tentar a vida na nova capital. Convenceu alguns amigos a fazerem o mesmo e se transformou em referência para os conterrâneos



O AMOR DE ANTONIO POR MARIA INÊS FEZ COM QUE A VIDA DA FAMÍLIA COMEÇASSE EM TAGUATINGA

Juarez Távora, e ele, como grande estadista que era, me disse que minha opção era acertada porque o marelhal era um grande brasileiro. Sáfmós de lá todos juscelinistas”, completa.

Até 1960, Antonio morou onde hoje é o Núcleo Bandeirante. “Brasília era a Cidade Livre. O Plano Piloto não tinha nada ainda. Era incrível ver o monte de terra formado pela construção da rodoviária. Era do tamanho do Conjunto Nacional”, exagera. Como as obras não estavam prontas, os carteiros e os próprios trabalhadores sofriam com os endereços da nova capital. Por isso, os prédios acabavam ganhando “apelidos” antes de serem inaugurados. “O anexo do Congresso Nacional era chamado de 28 por causa do número de andares, os ministérios eram os prédios de ferro, e a rodoviária, o viaduto da Rabello”, exemplifica.

“**BRASÍLIA ERA A CIDADE LIVRE. O PLANO PILOTO NÃO TINHA NADA AINDA. ERA INCRÍVEL VER O MONTE DE TERRA FORMADO PELA CONSTRUÇÃO DA RODOVIÁRIA. ERA DO TAMANHO DO CONJUNTO NACIONAL**”

Mudança

A mudança da Cidade Livre para Taguatinga se deu por motivos de amor. “A Cidade Livre era uma bagunça, com mercados a céu aberto e os produtos expostos no chão mesmo. Minha noiva, que morava no Rio de Janeiro, não gostava e me avisou que para lá ela não iria”, conta o pioneiro, que, por não ter condições de ter uma casa no Plano Piloto, acabou optando por Taguatinga. “Dona Sara Kubitschek falava que Taguatinga seria uma cidade dormitório, mas eu via nela uma grande possibilidade de progresso”, afirma. Vontade da noiva, Maria Inês, feita, o casamento já podia ser marcado e a festa foi no Rio de Janeiro. Para se manter, o pioneiro virou empresário e montou um armazém de secos e molhados para fornecer às indústrias que começavam a

aparecer pela nova capital. “Era tudo mais difícil em Taguatinga. A água era puxada de bomb, e a luz, de gambiarra”, conta.

O entusiasmo de Antonio com a satélite era tão grande que ele chegou a estar à frente do programa de rádio *Taguatinga É Progresso*, transmitido pela *Rádio Planalto*. “Era uma espécie de programa que tem de tudo, desde calouros até reportagens com prestação de serviços”, explica, acrescentando que só faltava mesmo o progresso do título. Mas com o tempo, o progresso veio não só para Taguatinga como para Brasília como um todo. E hoje as lembranças só fazem encher Antonio de orgulho e felicidade. “Considero todas as pessoas que nasceram em Brasília meus netos porque a cidade é como se fosse minha filha mais velha”, afirma o orgulhoso pioneiro.

Raio X

Nome: Antonio de Lisboa
Mourão
Idade: 74 anos
Origem: Ipuêiras, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Comerciante aposentado
Estado civil: casado
Filhos: Tânia Maria, Sandra Maria, Vanda Maria e Antonio Diuk.
Netos: Clara, Pedro e Indira.



Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiaviccatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

PIONEIROS



Branca Borges Góes Bakaj

Visão do crescimento educacional da nova capital

Arquivo Público

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A professora aposentada Branca Borges Góes Bakaj era noiva do arquiteto Mario Bakaj, nem imaginava que a simples visita de um primo da mãe dela poderia mudar totalmente a sua vida. É que o tal primo, que era engenheiro, chamou a atenção do jovem casal para o fato de que o futuro da arquitetura brasileira estaria em Brasília. A cidade, que estava em construção, apresentaria traços modernistas que são famosos até hoje. Foi dessa forma que, no dia oito de janeiro de 1960, Branca e o marido desembarcaram em Brasília vindos do Rio de Janeiro.

A primeira noite de Branca na nova cidade foi no Brasília Palace Hotel, e de cara a pioneira percebeu o que a esperava. “Fazia muito frio na noite brasiliense e nossa bagagem era pouca. Não estava preparada para isso e tive que tirar tudo de dentro da mala para me cobrir”, lembra Branca, ressaltando que, apesar das noites frias, os dias eram bem quentes na cidade. Isso sem falar na seca, que já naqueles tempos assustava os candangos. “A gente lavava as mãos e o clima era tão seco que não precisávamos nem enxugá-las”, afirma.

No seu segundo dia de Brasília, a pioneira mudou-se para o acampamento da construtora

Nacional — onde Mario trabalhava — localizado atrás do Congresso Nacional, de frente para a Vila Planalto. Foi no trabalho do marido que Branca viu um verdadeiro espetáculo noturno tipicamente brasiliense. “À noite ficava admirando da minha casa os trabalhadores soldando a estrutura metálica do Congresso. Era muito bonito ver aqueles clarões no escuro da noite”, conta a professora, que depois passou 30

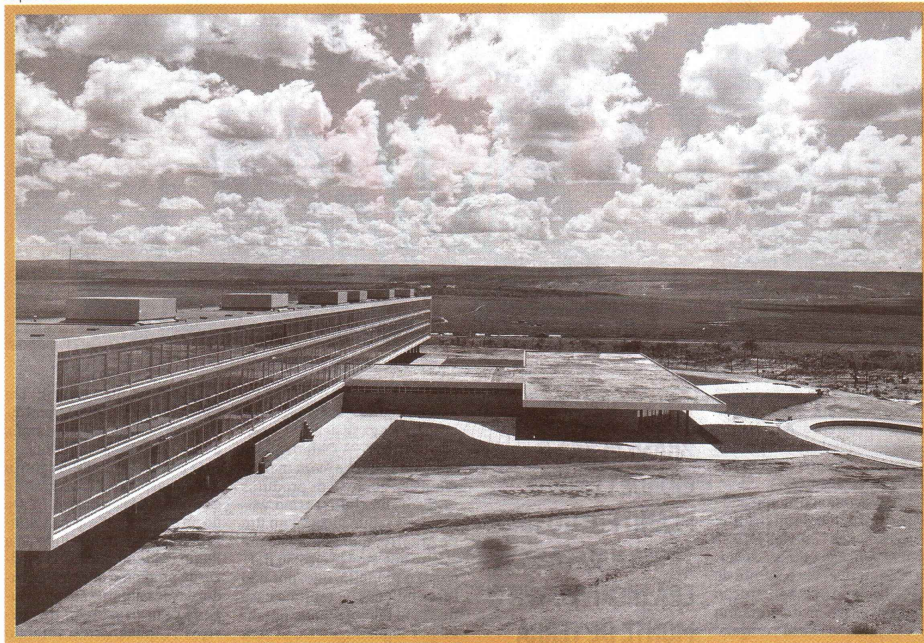
anos vivendo a experiência de trabalhar naquele mesmo prédio. “Ao mesmo tempo em que me enchia de orgulho, era estranho. Parecia um filho que você cria, ele cresce e a vida dele toma rumo próprio, mas para a mãe é sempre aquela criança”, compara.

Mas morar no acampamento não trazia somente espetáculos bonitos como esse. Como a cidade ainda não estava totalmente urbanizada, a visi-

ta de certos animais era constante. “Eu ficava apavorada com os barulhos no telhado lá de casa. Morria de medo porque meu marido ficava trabalhando e eu imaginava que podia ser alguém andando no telhado, mas eram apenas os ratos”, afirma a pioneira, acrescentando que tais ratos “eram tão grandes que mais pareciam gatos”.

Além disso, a distância do acampamento da Cidade Livre

BRASÍLIA PALACE HOTEL: LOCAL ONDE BRANCA SE HOSPEDOU EM SUA PRIMEIRA NOITE NA CAPITAL



— único lugar onde era possível fazer compras de mantimentos naquela época — era uma dificuldade enfrentada pelos pioneiros que moravam no Plano Piloto.

PIONEIROS

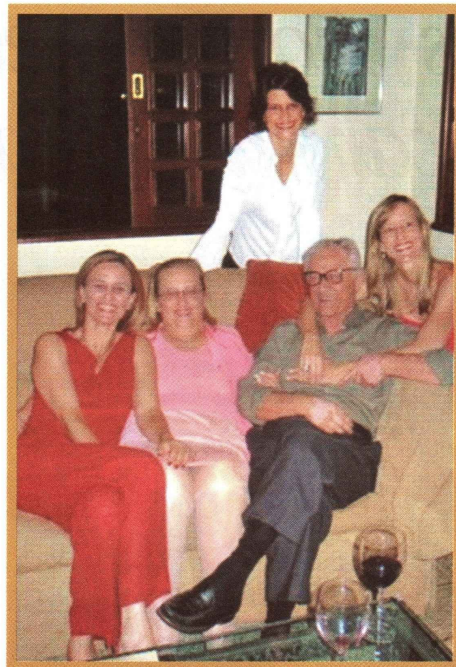
O clima seco e o frio fazem parte da lembrança da professora que chegou a Brasília em 1960, acompanhada do marido, que veio trabalhar na construção da cidade

Para resolver o problema, a construtora tinha um transporte que, uma vez na semana, levava as mulheres à Cidade Livre para fazerem as compras. Como Branca nunca havia morado sozinha, tendo que administrar um lar, as quantidades dos alimentos eram sempre um mistério. “As vezes eu comprava muito para semana e outras era pouco demais”, afirma a pioneira ao lembrar que uma vez foi perguntada sobre quantos quilos de biscoito ela queria. “Nunca tinha comprado biscoito por quilo em minha vida e não tinha a menor noção do peso. Comprei meio quilo e, como éramos apenas eu e meu marido, comemos aquele biscoito por muito tempo”, diverte-se Branca.

O trabalho

Graduada tanto em filosofia como em línguas neolatinas no Rio de Janeiro, Branca Borges logo foi aproveitada pelos colégios de Brasília. “As pessoas vêem o crescimento de Brasília de diversas maneiras. A minha principal visão é a da educação”, orgulha-se. A trajetória de magistério de Branca na nova capital começou em 1961, no Elefante Branco, tradicional escola do início de Brasília. Passou por várias instituições até chegar ao Departamento de Pós-graduação do Ceub. No início, Branca era professora de línguas em geral. “Como minha formação é ampla, podia ser aproveitada em várias línguas, mas acabei mais centrada no português mesmo”, afirma.

Branca conta que as salas de aula de Brasília eram bem ecléticas. “Tive alunos de todas as classes sociais estudando jun-



BRANCA COM A FAMÍLIA: UMA VIDA CONSTRUÍDA EM BRASÍLIA

tos. Desde a filha do presidente até guerrilheiros, passando por alunos das classes alta e baixa. Tudo isso ao mesmo tempo”, completa a pioneira, ressaltando que aquela era uma experiência de aprendizado tanto para ela quanto para os alunos. “Somente aqui em Brasília era possível viver essa situação, pois no Rio de Janeiro se eu estivesse em uma escola de subúrbio teria apenas alunos daquela região e se estivesse na Zona Sul, a mesma coisa. Aqui não. Era tudo junto nas mesmas escolas”, diz.

Ainda lecionando no Elefante Branco, a professora pôde dar o pontapé inicial para a construção da Escola Normal de Brasília. Branca era a coordenadora do ensino normal no colégio quando a escola recebeu a visita do secretário de

Educação do governo. Depois de mostrar as dependências ao secretário, a pioneira o chamou para conhecer o local onde trabalhava. Nada de mais não fosse tal local um barracão de madeira perdido em um cerrado “que, por causa do tempo seco, pegava fogo de vez em quando”. Branca se lembra do alvoroço dos colegas com a sua atitude. “As pessoas me olhavam como quem dizia que eu havia enlouquecido. Mas o que eu queria era apenas melhorar as condições de trabalho no colégio”, lembra Branca, aos risos. A estratégia ousada e arriscada acabou dando certo. Passado um tempo, Branca encontrou o secretário em uma apresentação no Teatro Nacional e ele disse a ela que a Escola Normal iria sair dali para um lugar melhor, como de fato foi feito.

“ À NOITE FICAVA ADMIRANDO DA MINHA CASA OS TRABALHADORES SOLDANDO A ESTRUTURA METÁLICA DO CONGRESSO. ERA MUITO BONITO VER AQUELES CLARÕES NO ESCURO DA NOITE ”

Assim era a vida dos pioneiros que se aventuraram por aqui: pouco a pouco iam vendo a cidade crescer e se transformar de fato em uma capital federal. “Acompanhar toda essa movimentação, essa aventura foi realmente único na vida de cada um de nós”, afirma Branca, que foi vendo a sua vida crescer tanto pessoal como profissionalmente no mesmo passo de Brasília. Hoje, estão as duas — Branca e Brasília — com suas vidas feitas, vendo os filhos e netos aproveitarem o resultado de tanto esforço.

Raio X

Nome:
Branca Borges Góes Bakaj
Origem:
Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Professora aposentada
Estado civil:
Casada
Filhos:
Patrícia, Andréa e Paula
Netos:
Giovanna, Bernardo, Filipe e João Eduardo



Maria das Dores Alves Rezende

As dificuldades não esmoreceram a vontade de ficar na capital

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Maria das Dores Alves Rezende, 82 anos, a vó Maria do Centro de Ensino Santa Rita de Cássia, em Sobradinho, deixa saudades em quem já passou pelos bancos de sua escola. A unidade de ensino, que construiu na quadra 9 da cidade é hoje uma espécie de trófeu pelos anos de dificuldades vividas no Distrito Federal e sua satisfação é refletida na atenção dada aos estudantes. O enduro teve início em fevereiro de 1957, quando, acompanhada por seis filhos, Maria deixou Goiânia em direção ao Planalto Central.

O marido, Necésio Pinto Rezende, esperava a família desde agosto de 1956, quando, contratado por Juscelino Kubitschek e Bernardo Sayão como mestre de obras, decidiu participar da construção da nova capital da República. "Eu queria vir logo, mas aqui não havia mulheres ainda, então tive que esperar", conta Maria. Aqui, Rezende era auxiliado por dois filhos adolescentes, Bertolino e Alvimar.

Na época, Maria era professora em um projeto no bairro de Vila Nova, na capital goiana. Necésio mandava notícias por carta do cotidiano vivido aqui. Maria sabia das dificuldades enfrentadas pelo marido mas acreditava que a recompensa pelo sacrifício um dia chegaria. "Não havia possibilidade de crescermos em Goiânia porque não havia em-

Arquivo pessoal



prego para ninguém", afirma.

Dessa maneira, a educadora esperava sem receio pelo chamado de Rezende, que aconteceu quando os primeiros casais começaram a se instalar no acampamento de obras da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul, onde hoje está a quadra 710.

A estrada que ligava Goiânia ao Planalto Central, como chamavam Brasília, ainda não era asfaltada, mas já havia uma linha de ônibus que realizava o percurso. "Saímos de Goiânia às seis da manhã e chegamos aqui às sete da noite", recorda-se. "No caminho, tivemos que atravessar três córregos porque não havia ponte", descreve.

Refeição

Em agosto de 1957, ainda não havia nenhum prédio concluído no Plano Piloto. As casas da 710

Sul começavam a ser construídas para abrigar os primeiros funcionários da administração federal que vinham para cá. Mas a W3 e toda região em volta ainda eram mata fechada.

Trazendo apenas roupas e objetos fáceis de carregar, a primeira moradia de Maria e os filhos no então futuro Distrito Federal foi um barraco construído com sacos de cimento pelo filho Alvimar. Como não havia móveis, a cama do casal foi feita com forquilhas de madeira, e o colchão, com capim. No acampamento, os primeiros seis casais instalados viviam em condições semelhantes.

Distante da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), único lugar próximo onde já havia comércio funcionando, Maria e uma das filhas mais velhas passaram a preparar as refeições para os

candangos das obras administradas pelo marido. Durante um ano, mesmo tempo em que viveram no barraco de sacos de cimento, a família Rezende se encarregou do almoço e do jantar para cerca de 95 trabalhadores.

As compras dos ingredientes para a preparação das refeições eram feitas na Cidade Livre. Maria conta que Necésio alugava uma carroça e levava um dia para ir à Cidade e retornar com os mantimentos.

Como durante o dia era necessário servir os candangos, o casal e os filhos mais velhos passavam a noite preparando os alimentos para serem cozidos e pegando água em um chafariz que ficava a um quilômetro do acampamento. "Enchíamos oito tambores, que usávamos para lavar roupas, cozinhar, lavar a louça, tomar banho e beber, to-

COM A FAMÍLIA EM VISITA AO PALÁCIO DA ALYORADA, EM 1959

dos os dias", afirma Maria.

Depois de um tempo, para ajudar o marido a incrementar a renda da família, Maria passou a vender sonhos, biscoitos, bolos, refrigerantes e café para o lanche dos candangos. "Meu marido andava muito com Bernardo Sayão e JK, mostrando a evolução das obras, eles sempre tomavam café lá", revela.

Após um ano na 710 Sul, Maria e a família mudaram-se para a primeira quadra construída pelo Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Industriais (IAP), na 409 Sul. Desta vez, o barraco construído para abrigá-los foi feito de tábuas. As refeições dos candangos continuaram sendo feitas pelos Rezende.

Os familiares do casal estranhavam quando ficavam a par da situação que a família enfrentava aqui. Não entendiam por que agüentavam tanto sofrimento se tinham a opção de ter uma vida melhor em outro lugar. "Mas nós nunca pensamos em desistir, acreditávamos que Brasília seria a cidade do futuro", conta. "Eu sempre achei que a vida melhoraria se continuássemos aqui", afirma.

Depois de um ano no acampamento do IAPI, a família mudou-se novamente, para a Vila Amauri. Localizada na região onde hoje vemos o Lago Paranoá, próximo à Vila Planalto. Mas cerca de mil famílias viviam no pequeno aglomerado urbano que foi inundado pelo Lago.

Para ajudar o marido a manter a família durante a construção da nova capital, a pioneira fornecia refeições para os candangos das obras da cidade

**MARIA DAS DORES:
ALEGRIA DE VIVER
RODEADA PELOS
NETOS**



Os primeiros sinais de urbanização da Vila significavam uma pequena melhora na vida de Maria. A casa continuava sendo de madeira, mas a Vila tinha ruas bem marcadas, armazéns onde se comprava alimentos e itens de primeira necessidade e um número maior de mulheres. "Nesta época, todos os dias chegavam caminhões lotados de pessoas, a maioria do Nordeste, para viver aqui", recorda-se.

Na Vila Amauri, Maria e os filhos passaram a servir almoço para os candangos que trabalhavam nas obras da Espanada dos Ministérios. A atividade durou pouco tempo e a família decidiu manter apenas a venda de lanche para os trabalhadores. Os filhos percorriam as ruas da Vila vendendo café e bolo. Em casa, Maria e a filha mais velha, Maria Elisa, ficavam à frente da pequena quitanda.

Sobradinho

Em 1961, a população da Vila Amauri foi informada de que deveria abandonar seus lares, pois o Lago Paranoá inundaria a região. Como opções, a Novacap auxiliava a mudança para as cidades de Sobradinho e Taguatinga. A revolta com a determinação era unânime, mas a educadora não se recorda de levantes ou manifestações de protesto. "Reclamávamos muito porque, quando começávamos a nos estabelecer em um lugar, éramos obrigados a mudar", diz.

A escolha por Sobradinho foi do marido. O caminho para a cidade, que ainda não existia, era longo. Na chegada, todas as famílias ficavam acampadas na beira de um córrego. As ruas da cidade já estavam abertas e os

lotes começavam a ser marcados, mas ainda não havia nenhuma construção.

Depois de um mês acampados, os Rezende construíram um novo barraco com a madeira retirada da Vila Amauri. A família e tantas outras esperavam cerca de seis meses até que a Novacap começasse a indicar que lotes seriam ocupados. Não existindo comércio naquela situação, a venda de lanches por Maria e os filhos continuou dando certo. "Como não havia padaria, passamos a fazer pães também e vender nas portas dos barracos", conta. Necésio ia para as obras no Plano Piloto de caminhão com outros candangos e almoçava por lá.

O primeiro lote indicado para a família ficava na Quadra 10 da cidade que começava a surgir. A venda de lanches continuou ajudando a sustentar a família até 1963, quando Necésio faleceu, vítima de um derrame cerebral. Sozinha e com oito filhos, Maria viu-se obrigada a iniciar outra atividade que suprisse todas as necessidades da família. Decidiu voltar a ser educadora.

A primeira turma do Jardim de Infância Santa Rita de Cássia foi aberta na sala do barracão de madeira onde viviam. Apesar do nome, a escola funcionava como uma espécie de creche, com

“ ENCHÍAMOS OITO TAMBORES, QUE USÁVAMOS PARA LAVAR ROUPAS, COZINHAR, LAVAR A LOUÇA, TOMAR BANHO E BEBER, TODOS OS DIAS ”

cinco crianças apenas. A mensalidade custava três cruzeiros.

Em 1964, com ajuda de uma herança deixada pelo pai, José Álvaro da Silva, Maria pôde comprar um lote na quadra 8 da cidade, onde construiu a primeira casa de alvenaria que habitou no Distrito Federal. A escola passou a funcionar em um barracão com três cômodos construído pelo filho mais velho, Bertolino. De cinco crianças, o jardim de infância passou a ter 20 alunos matriculados.

A escola funcionou durante 15 anos no mesmo lugar. Mas a cada ano, cerca de 30 matrículas novas eram feitas. Em 1979, quando a escola pôde ser construída em um local próprio, na quadra 9 de Sobradinho, o estabelecimento de ensino tinha 180 alunos e dois professores.

A construção levou um ano e meio para ser concluída. Quando foi inaugurada, contava com cinco salas de aulas, secretaria, cozinha, copa e berçário. Hoje, a unidade de Ensino Fundamental continua no mesmo lugar, mas dobrou de tamanho. Ao todo, 800 alunos estão matriculados e o colégio tem biblioteca, sala de informática, laboratório, quadra de esportes, aulas de inglês e espanhol, uma equipe de 62 funcionários, sendo mais de 30 professores.

Maria continua acompanhando as atividades da escola todos os dias, mas a administração fica por conta das filhas Márcia, Marilda e Maria Elisa. Em 1974, um dos filhos, Alvimar, faleceu num acidente de automóvel, e em 1994, outro filho, Antônio, foi assassinado brutalmente em Sobradinho. Mas os filhos deixaram na cidade um patrimônio formado por um hotel e o Home Center Rezende, hoje com lojas em Planaltina, Sobradinho e Setor de Indústrias.

Raio X

Nome: Maria das Dores Alves Rezende

Idade: 82 anos

Profissão: Educadora

Origem: Esmeraldas, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília: 1957

Marido: Necésio Pinto Rezende (falecido)

Filhos: Bertolino, Maria Elisa, Alvimar, Eustáquio, Antônio, Marilda, Márcia e Edson

Netos: Marcelo, Márcia, Márcio, Eugênia, Sandra, Renata, Leonardo, Fernanda, Allan, Juliana, Carla, Paula, Antônio, Kamila, Fábio, Sabrina, Maria Augusta, Gabriela, Flávia, Fabiana e Bruna

Bisnetos: Iara, Iago, Icaro, Hector, Ana Júlia, Gabriel, Lorena, Luísa, Giovana, Bruno, Fellipe, Lucas, Antônio Victor e Fernando

PIONEIROS



Oscar Mendes Moren

Uma vida dedicada à medicina infantil

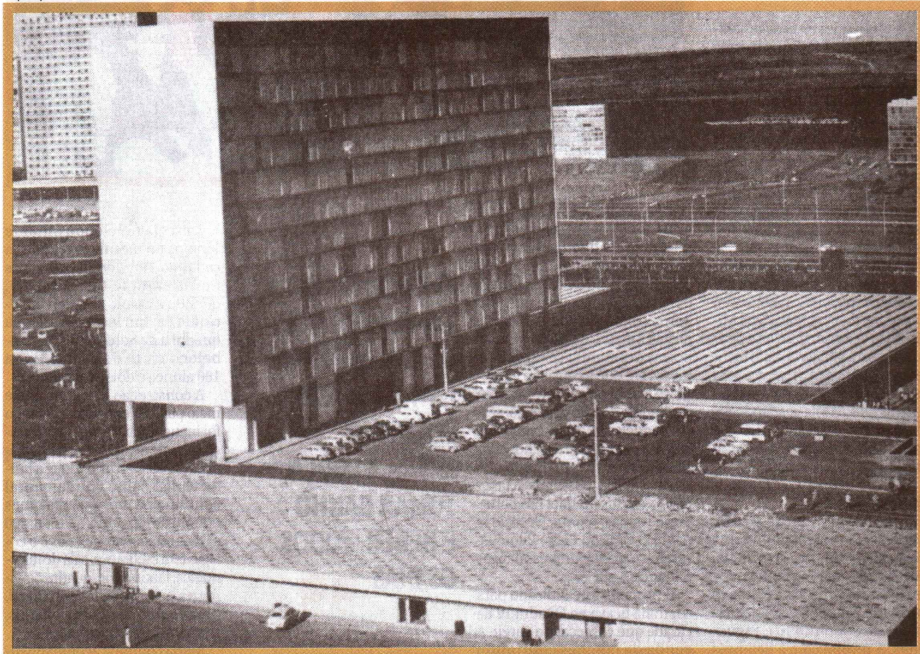
VINIcius NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A carta de Oscar Mendes Moren aceitando proposta de trabalho como pediatra em Nova York, onde fez sua especialização, já estava pronta. Mas o destino do médico só ficou mesmo selado em uma manhã de agosto de 1960, quando ficou decidido: Oscar sairia, sim, do Rio de Janeiro, mas rumo a Brasília. A mudança se deu em um único telefonema com o convite para vir trabalhar na pediatria do Hospital de Base de Brasília. “Meus pais não gostavam da idéia de eu voltar para os EUA, porque sabiam que daquela vez não haveria volta, mas eu já estava há mais de um ano sem emprego na área. O que eu precisava era de uma proposta como a que recebi para vir para cá”, afirma Oscar.

Precavido, o pioneiro não aceitou o convite de imediato e decidiu que antes precisava pelo menos vir conhecer a cidade onde provavelmente iria morar. “Brasília tinha um espírito de luta e esperança, um ritmo próprio que contagiava todos nós”, afirma Oscar, ressaltando que com ele não foi diferente, e o médico acabou se rendendo aos encantos da cidade em setembro de 1960. Encantos, das obras da cidade, vale dizer. “Mesmo depois de inaugurada, Brasília continuava sendo um verdadeiro canteiro de obras, com poucas quadras completas, muitos acampamentos, poucos lugares para as mulheres fazerem

Arquivo pessoal



compras e poucas opções de lazer”, lembra Oscar, acrescentando que de muito mesmo só o trabalho e a poeira. “A nossa sorte é que as pessoas eram mais solidárias e unidas. As amizades saíam do hospital e iam para as rodas sociais”, afirma o pioneiro, lamentando que hoje Brasília já tenha crescido a ponto de perder essa facilidade das relações interpessoais.

A grande menina dos olhos de Oscar Moren era mesmo o projeto hospitalar que estava previsto para Brasília. “O projeto para a área era encantador. Nunca havia ouvido falar de coisa parecida, privilegiando a medicina terciária, em todo o Brasil. Os médicos teriam dedicação exclusiva e uma condição salarial capaz de sustentar uma família. Enfim, era real-

mente sedutor e empolgante”, conta o pediatra. Mas nem tudo foi realizado como estava previsto, e “aos poucos, a validade humana e a má administração foram destruindo um plano tão bonito”.

Em vez de ficar se lamentando, Oscar resolveu ir à luta pelo menos para defender os interesses de sua especialidade: a pediatria. “O Hospital de Base não

O TRABALHO NO HOSPITAL DE BASE FEZ OSCAR DESISTIR DE MORAR NOS ESTADOS UNIDOS

estava preparado para receber crianças. Parecia até que elas não estavam previstas para a cidade”, afirma Oscar, acrescentando que o mais espantoso era que o hospital “não tinha nem banheiro especial para crianças.”

PIONEIROS

Ele mudou o rumo de sua vida quando deixou de ir para os Estados Unidos para aceitar o desafio de tratar das crianças no Hospital de Base de Brasília

OSCAR COM ELINOR
NA CIDADE QUE
ESCOLHERAM PARA
MORAR

Arquivo pessoal



“**MESMO DEPOIS DE INAUGURADA, BRASÍLIA CONTINUAVA SENDO UM VERDADEIRO CANTEIRO DE OBRAS, COM POUCAS QUADRAS COMPLETAS, MUITOS ACAMPAMENTOS, POUCOS LUGARES PARA AS MULHERES FAZEREM COMPRAS E POUCAS OPÇÕES DE LAZER**”

Com muita paciência e competência, o pioneiro começou a mudar esse quadro. Mas não foi rápido. “Fiquei muito tempo lutando pelas melhorias que consegui implementar no hospital. Até a minha aposentadoria”, garante ele, que conta suas histórias no livro *A História da Unidade de Pediatria*. Primeiro era preciso que houvesse uma área

especial para o tratamento das crianças. “Somente assim o tratamento delas poderia ser menos traumático”, acredita Oscar. Depois vieram a exigência de que as crianças pudessem ser visitadas com mais frequência do que os adultos e a obrigatoriedade de um acompanhante para os pacientes infantis. Mas o verdadeiro orgulho de Oscar é ter criado a primeira Escola Classe em um hospital do Brasil, experiência que ele já tinha visto nos EUA, na época de sua pós-graduação. “Batalhamos muito por isso e hoje todos os hospitais públicos de Brasília já contam com esse serviço”, orgulha-se o pioneiro.

Ao mesmo tempo em que implantava as escolas, Oscar investia na profissionalização da pediatria brasileira. “As pessoas eram simplesmente pediatras aqui. Não tinha, por exemplo, um cirurgião pediátrico ou neuropediatra para atender casos específicos”, lembra o pioneiro. O jeito foi começar a incentivar os colegas a saírem da

cidade ou mesmo do país para especializar-se. O próprio Oscar foi a Chicago fazer sua especialização. “O fato de não termos família aqui ajudava na disposição de passar alguns anos fora de casa”, afirma ele, garantindo que, ao voltar, a maioria das pessoas não debandava e ia para outra cidade.

Os residentes também começaram a ser estimulados, e Oscar guarda até hoje os quadros com fotografias das equipes que ele chefiava. “Era um jeito de começar uma memória do Hospital de Base, mas felizmente o trabalho não teve continuidade nem o seu valor reconhecido”, diz. Mesmo assim, Oscar ainda era um entusiasta daquele projeto inicial e acreditava que de repente ele poderia dar certo. “Por conta dessa minha paixão por tal projeto, que nunca saiu do papel, cheguei a recusar três propostas da Universidade de Brasília”, lembra ele, garantindo que não se arrepende.

Até hoje o incentivo do trabalho voluntário na medicina em

Brasília — e por que não do Brasil — é um dos sonhos e metas do pioneiro. “O brasileiro tem a cultura de achar que o governo é o responsável por tudo e, como paga muitos impostos, fica apenas esperando. Mas não podemos ser assim”, critica o pediatra, que nos EUA trabalhava em um hospital de cem leitos que contava com 300 voluntários. Na capital federal, Oscar tentou implantar esse serviço. Uma vez ele protagonizou uma propaganda nas rádios e televisão brasileiras explicando a importância do trabalho voluntário. “Depois de toda aquela propaganda apareceram 12 candidatos e muitos queriam saber o quanto ganhariam em um trabalho voluntário”, diverte-se Oscar. Mas ele não desistiu e sempre que pode faz uma ação nessa área. “Tenho certeza que plantei uma semente na pediatria de Brasília e que essa semente hoje já é uma realidade, pois Brasília vem sendo apontada como um grande pólo de pediatria no país”, orgulha-se.

Raio X

Nome: Oscar Mendes Moren
Idade: 74 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Pediatra aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Elinor Watson Moren
Filhos: Monique e Ellen
Netos: Jonsen, Isabelle e Bronson

PIONEIROS



Ulpiano Brochado Santiago

Uma cidade que precisava ser concluída

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança da nova capital para o centro do país irá “resolver situações já esgotadas, porque vai criar um novo centro de gravidade, para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o litoral e o interior, entre o norte e o sul”, já diziam os historiadores que participaram da epopéia da construção de Brasília. “Antes da transferência da nova capital, o país estava restrito a uma faixa litorânea. Foi Brasília que possibilitou a vinda das pessoas para o centro do Brasil”, defende o engenheiro Ulpiano Brochado Santiago. Para muitos pioneiros que aqui chegaram na década de 60, a construção da capital foi mais que uma mudança do litoral para o interior. Significou vida nova, trabalho e um futuro promissor. Que o diga esse mineiro, de 70 anos de idade, que quando veio para cá encontrou em Brasília tudo o que um jovem, recém-formado, poderia sonhar em termos de trabalho.

Nascido na histórica Paracatu (MG), ele deixou a cidade quando tinha dez anos de idade para estudar em Belo Horizonte. Foi na Faculdade de Engenharia de Minas Gerais que Ulpiano ouviu falar em Brasília pela primeira vez. “O Dr. Israel Pinheiro — que também era mineiro — mandou, em 1959, uns engenheiros até a

Arquivo pessoal



ULPIANO (SEGUNDO AJOELHADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA) COM O TIME DE VÓLEI DO IATE CLUBE

faculdade para chamar os 70 formandos do curso de engenharia para trabalhar nas obras da futura capital”, lembra. Em 21 de abril do ano seguinte, no dia da inauguração da cidade, lá estava o estudante, ansioso por conhecer o que havia de tão especial na nova sede do governo. Da Esplanada dos Ministérios, ele assistia aos folguedos e ao vaivém dos visitantes e convidados. “Tinha de tudo na cerimônia, gente de todos os lados. Era de operário a autoridade”, lembra.

Em dezembro de 1960, com o

diploma na mão, o jovem engenheiro esperou apenas passar o Natal para embarcar no primeiro ônibus que seguia rumo ao cerrado. A viagem foi tranqüila, mas demorada, de 10 a 12 horas, apesar de “o tráfego na estrada que ligava ao centro do país, naquela época, ser bem menos intenso que hoje”, compara. Decidido, o pioneiro juntou-se aos ex-colegas de faculdade que já trabalhavam por aqui. A cidade, recém-inaugurada, ainda era um canteiro de obras. Um prato cheio para o jovem engenheiro,

recém-formado e ansioso para colocar em prática o que havia aprendido durante anos nas salas de aula.

O acampamento

Ulpiano foi para o reduto dos engenheiros, no acampamento da Pacheco Fernandes (construtora responsável pelas obras do Hotel Nacional) na Vila Planalto. O novo morador dividiu o alojamento com mais dois colegas engenheiros, entre eles, Wadjo da Costa Gomide, mais tarde eleito prefeito de Brasília, e Ro-

gério de Freitas Cunha, ex-presidente da Companhia Urbanizadora de Brasília — Novacap.

Assim que chegou, os colegas já foram logo avisando, “estão precisando de engenheiros na Novacap”. Na expectativa de conseguir trabalho, ele foi conferir se havia mesmo vagas no Departamento de Edificações da

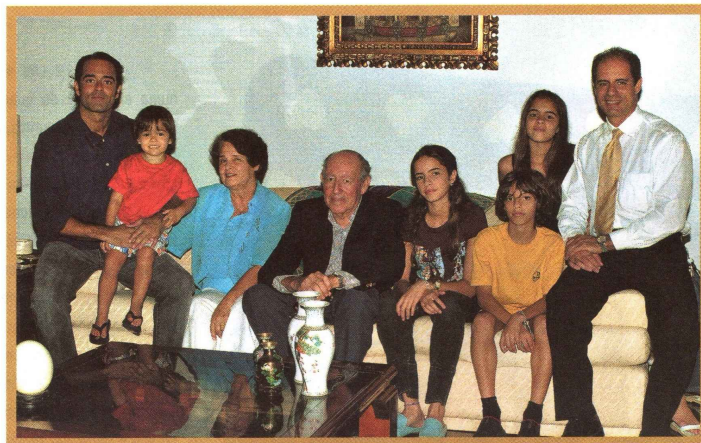
PIONEIROS

O engenheiro chegou a Brasília recém-formado para ajudar na conclusão das obras da capital já inaugurada. Foi a Belo Horizonte casar, voltou e se estabeleceu definitivamente

“POUCOS TIVERAM A SORTE QUE TIVE, DE INICIAR A CARREIRA AO SAIR DA FACULDADE E EM UMA CIDADE BEM PLANEJADA COMO BRASÍLIA, ONDE FUI RECEBIDO DE BRAÇOS ABERTOS. A GENTE CHEGAVA AQUI E LOGO ARRUMAVA EMPREGO”

Companhia — DE. “Eles queriam que eu começasse no mesmo dia”, conta Ulpiano. Contratado como engenheiro fiscal de obras, o pioneiro iniciava uma carreira de sucesso e de muito trabalho. “Poucos tiveram a sorte que tive de iniciar a carreira ao sair da faculdade e em uma cidade bem planejada como Brasília, onde fui recebido de braços abertos. A gente chegava aqui e logo arrumava emprego”, declara.

Quando a saudade da família e da noiva, que ficaram em Belo Horizonte, apertava — e o telefone naquela época era uma raridade —, Ulpiano e os colegas pegavam um carro no final de semana e para lá se dirigiam. Isso quando não “descolavam” uma passagem



COM A ESPOSA LEILA, FILHOS E NETOS: ORGULHO DAS OBRAS FEITAS NA CIDADE

aérea dos amigos que vendiam o bilhete por um preço camarada. “Na segunda de manhã, seguiam caladinhos para o trabalho sem que ninguém notasse a aventura. Mesmo sendo pouco festeiro — os projetos tomavam boa parte do tempo do engenheiro —, ele aproveitava as festas de aniversários dos amigos, que naquele tempo eram bem diferentes. “Os homens ficavam de um lado bebendo uma cerveja, e as mulheres do outro, conversando”, explica.

Lago Sul

Como o ritmo de trabalho em Brasília era intenso, a pausa só foi possível mesmo para a cerimônia de casamento do pioneiro que aconteceu na capital mineira em 1962. De volta ao Planalto Central, o casal se mudou para uma casa de madeira, emprestada do amigo Osório que havia voltado para Minas. A casa tinha três quartos e ficava próxima do late Clube. Mais tarde, a Novacap acabou cedendo uma casa para os Santiago onde seria construído o Lago Sul. É que a companhia planejava destruir os acampamentos, por isso resolveu construir um prédio com 36 apartamentos para os engenheiros, entregues por ordem de chegada. Dessa forma, ele acabou ficando

de fora por ter chegado depois.

Deserto, escuro, (ainda não existiam as pontes) e distante de tudo, assim era o Lago Sul naquele tempo. Era lá que se escondia a nova morada do casal. “Se tinha uma coisa difícil aqui, era encontrar uma residência. Por pouco eu não voltei para BH”, lembra. Ex-jogador de vôlei e frequentador do late Clube, o pioneiro acabou se acostumando com o Lago Sul. Depois de anos morando no local ele só saiu da casa, cedida pela Novacap, para construir a sua própria residência, por coincidência, “ao lado da antiga”.

Com a revolução de 1964, o engenheiro deu mais um grande passo na profissão. De fiscal, ele passou a presidente das Comissões Permanentes de Concorrência. O novo cargo exigia muita responsabilidade na contratação de obras e na aquisição de materiais.

Quatro anos depois, Ulpiano deixou a Novacap. Contratado pela Christiani-Nielsen, o gerente da filial em Brasília passou a supervisionar verdadeiros canteiros de obras espalhados pela cidade. A primeira obra assinada pelo engenheiro, ele faz questão de detalhar: “foi a Escola Normal, que ficava do lado da

Elefante Branco (escola). Tinha mais ou menos 12 mil metros quadrados de área construída”.

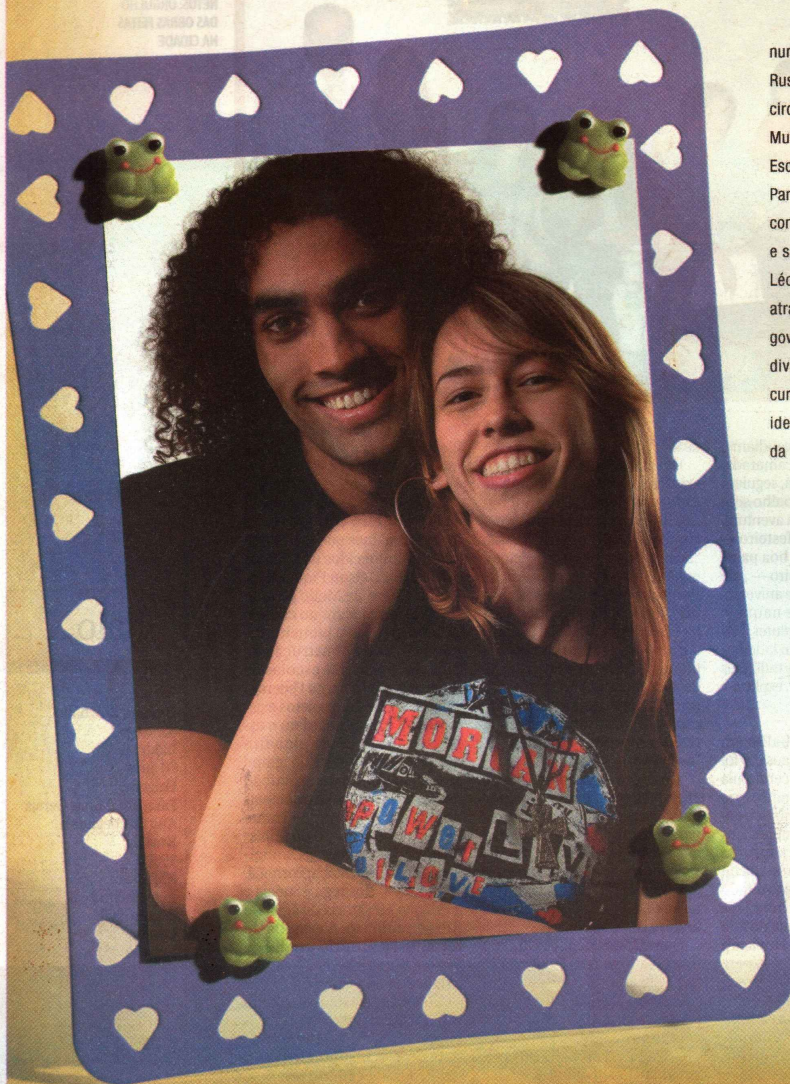
O dia-a-dia na obra permitiu ao engenheiro conhecer seus alunos franzinos que mais tarde ficaram conhecidos por muitos brasileiros. Néelson Piquet, Fernando Collor de Mello e Paulo Octávio estudavam no colégio vizinho quando o pioneiro supervisionava a construção de uma das primeiras escolas de professores do Distrito Federal.

Outros grandes projetos existentes na cidade guardam o esforço e o suor desse pioneiro que passava boa parte do tempo supervisionando a execução dos serviços. Entre as principais obras estão o hangar da Transbrasil, a reconstrução do Ministério da Agricultura, as embaixadas da Rússia, Suíça, Portugal, Dinamarca, Noruega e Suécia e a estação elevatória de água do Rio Descoberto. A escolha do terreno e o próprio prédio da Coca-Cola também são de sua responsabilidade. Na Praça dos Três Poderes está localizada uma de suas mais importantes obras e ao mesmo tempo mais desafiadora, o Supremo Tribunal Federal. Segundo ele, uma obra mais de engenharia do que de construção.

Raio X

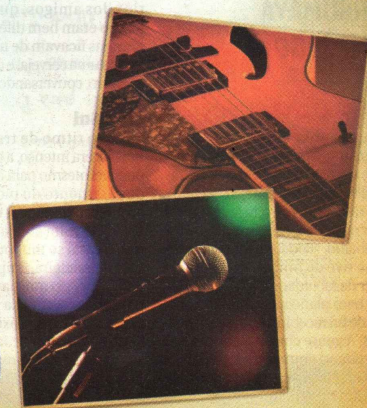
Nome: Ulpiano Brochado Santiago
Idade: 70 anos
Origem: Paracatu, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Engenheiro civil
Estado civil: Casado
Esposa: Leila Souza e Silva Santiago
Filhos: Ulpiano e Marcelo
Netos: Tatiana, Ana Carolina, João Pedro e Marcelo Piano

MÁRCIA E LÉO SÃO APAIXONADOS PELO DF. PUDERA, EM QUE OUTRO LUGAR GARAGEM LEMBRA BANDA E NÃO CARRO?



Márcia e Léo se conheceram há 4 anos numa exposição de quadrinhos no Espaço Renato Russo da 508 Sul. Juntos, levam uma vida agitada no circuito de **arte, cultura e lazer** da cidade. É Brasília Music Festival, Porão do Rock, Festival de Verão da Escola de Música e Clube do Choro. É Arte por Toda Parte, Teatro nas Quadras e Festival de Cinema. Sem contar as galerias, centros culturais, casas de shows e salas de projeção que fervem o ano todo. Márcia e Léo talvez não saibam, mas quase todas essas atrações têm algo em comum: o apoio do GDF. Um governo que cria e cede espaços para eventos, divulga atrações, concede incentivos, promove cursos e patrocina projetos. Enfim, cria o ambiente ideal para valorizar o talento e a identidade da nossa gente.

CULTURA, ARTE E LAZER NO DF.
OPÇÕES DE TODOS OS TIPOS, PARA TODOS OS GOSTOS.



Secretaria de Cultura

